

*Vidas-Mortes-Vidas Severinas  
em Tempos de Pandemia:  
hibridismo de vozes aprisionadas  
de poetas-apologistas, cordelistas  
e repentistas em um grupo de  
WhatsApp*

*Severe Lives-Deaths-Lives in Pandemic Times: hybridism  
of imprisoned voices of poets-apologists, cordelistas and  
repentistas in a WhatsApp group*

Marcelo Vieira da Nóbrega<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho delimita a produção poética de repentistas e poetas-apologistas nordestinos, entre 2020 e 2021, no grupo de WhatsApp Clube do Repente, durante a pandemia da Covid-19. Criado em agosto de 2015, na cidade de Campina Grande (PB), o Clube do Repente, doravante CR, compõe-se no momento de 104 participantes distribuídos conforme a seguinte composição: 29 repentistas profissionais - sendo 23 homens e seis

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2020). Professor Efetivo (Classe B) \_ UEPB. Contato: marcelonobrega@servidor.uepb.edu.br

mulheres; seis cordelistas; um poeta-declamador; e 68 poetas-apologistas. Os resultados analisados durante a produção poética no CR, com base nas duas categorias analíticas que proponho - Prisão/Encarceramento virtual e Superação/Resiliência – apontam para uma produção poética marcada por uma espécie de ciclo poético que se inicia na angústia, desespero e apreensão da morte e se fecha com a promessa de vida em plenitude. Este aspecto pode nos remeter ao sentido da coerência como uma forte característica das culturas populares: ao contrário do ciclo da vida – que culmina com a morte – a produção poética neste período caminhou em sentido oposto, isto é, em direção à vida, à esperança, à vacina, à crença na ciência.

**Palavras-chave:** pandemia; poesia; grupo de whatsapp; aprisionamento virtual; promessa de vida.

**Abstract:** This work delimits the poetic production of repentistas and poet-apologists from the northeast, between 2020 and 2021, in the WhatsApp group Clube do Repente, during the Covid-19 pandemic. Created in August 2015, in the city of Campina Grande (PB), Clube do Repente is currently made up of 104 participants distributed as follows: 29 professional sudden dancers - 23 men and six women; six cordelistas; a poet-declamer; and 68 poet-apologists. The results analyzed during the poetic production in CR, based on the two analytical categories I propose - Prison/Virtual Imprisonment and Overcoming/Resilience - point to a poetic production marked by a kind of poetic cycle that begins in anguish, despair and apprehension of death. and it closes with the promise of life in fullness. This aspect can lead us to the sense of coherence as a strong characteristic of popular cultures: unlike the cycle of life - which culminates in death - poetic production in this period walked in the opposite direction, that is, towards life, towards hope, to the vaccine, to the belief in science.

**Keywords:** pandemic; poetry; whatsapp group; imprisonment; promise.

Boitató, Londrina, 2022  
Recebido em: 28/09/2022  
Aceito em: 29/03/2023



## **Vidas-Mortes-Vidas Severinas em Tempos de Pandemia: hibridismo de vozes aprisionadas de poetas-apologistas, cordelistas e repentistas em um grupo de WhatsApp**

---

Marcelo Vieira da Nóbrega

### **Introdução**

Neste trabalho investigo a produção poética de poetas-apologistas, cordelistas e repentistas, ocorrida no grupo de *WhatsApp* Clube do Repente, sediado na cidade de Campina Grande (PB), no recorte temporal entre os dias 16/3/2020 e 15/10/2021.

Objetivo analisar a natureza dos impactos que o distanciamento físico, contingenciado pela pandemia da Covid-19, provocou na produção poética de tais sujeitos. Nesta perspectiva detalho as temáticas abordadas nas suas produções em duas categorias de análise, quais sejam: *Prisão/Encarceramento virtual* e *Superação/Resiliência*. Na relação intrínseca que rege as culturas tradicionais, sobretudo as comandadas pela força da voz – dentre as quais se destacam a cantoria de repente, e o cordel –, são imprescindíveis elementos fundantes como corpo e performance. Assim, parece danosa à expressão poética tradicional a supressão da força da voz viva, latente, do eco do repentista ou do cordelista, performers por excelência; a ausência do público que paga o mote a ser improvisado de repente; a comunicação de corpo e alma entre o público apologista e os repentistas, união indissolúvel da qual emana o improviso; enfim, a força da poesia viva que emana do improviso, cascalho bruto, a ser lapidado pelo poeta em joia rara e valiosa, no dizer do pesquisador e poeta Bráulio Tavares. O *Clube do Repente*, doravante CR, tem se destacado há seis anos como um suporte pedagógico privilegiado de expressão poética de jovens e aprendizes apologistas e poetas, além de centro divulgador importante no Nordeste brasileiro das poéticas populares tradicionais, sob a tutela especialmente das regras que regem a produção de modalidades da cantoria de repente.



Para o recorte temporal investigado, de 19 meses (entre 16/03/2020 e 15/10/2021), quantifiquei quatro categorias de profissionais da poesia: a) Poetas-apologistas<sup>2</sup> (31 colaboradores, equivalente a 45,5% do total de apologistas participantes do CR); b) Repentistas profissionais<sup>3</sup> (12 homens e uma mulher, 56,5% do total de repentistas que participam do CR); c) Cordelistas<sup>4</sup> (02 profissionais, 33,33% do total de participantes do CR); e d) Poeta declamador<sup>5</sup> (um).

A escolha das datas, inicial e final, deve-se, respectivamente, ao início do isolamento e à volta progressiva das atividades, ambos decretados pelos órgãos sanitários do Governo Federal e do Estado da Paraíba. Por sua vez, a seleção das produções poéticas foi captada diretamente por meio de *print* das conversas do CR, com respeito ao anonimato das identidades e/ou quaisquer meios de identificação dos colaboradores.

O Clube do Repente é um grupo de *WhatsApp*, sediado na Campina Grande (PB), e criado no dia 05/08/2015 pelo poeta-declamador e promovedor de cantoria de repente Iponax Vila Nova. No momento compõe-se de 104 participantes distribuídos conforme a seguinte composição: 29 repentistas profissionais, sendo 23 homens e seis mulheres; seis cordelistas; um declamador; e 68 apologistas.

Em trabalho de doutoramento, defino como atribuições básicas do CR as seguintes:

- a) divulgar eventos de cantoria; b) produzir poesia, através das muitas modalidades da arte do improviso, sobretudo as décimas (em sete e em dez sílabas) e as sextilhas, modalidades desenvolvidas tanto sob a forma de proposição de motes e assuntos, como através de desafios; c) discutir temáticas diversas ligadas à cantoria de repente; d) instruir novos apologistas e poetas acerca das regras que regem a produção das diversas modalidades da arte do repente; e, e) apoiar, sob as mais diversas formas, inclusive financeiramente, através de campanhas, cantadores e apologistas em geral (NÓBREGA, 2020, p. 64)

---

<sup>2</sup> Para esta categoria nomeio como os poetas, admiradores, ‘críticos’, bem como muitos ‘mecenas’ da cantoria de repente, público importante para a manutenção desta arte (Nóbrega, 2020, p. 60).

<sup>3</sup> Poetas repentistas que vivem da atividade profissional do improviso de viola.

<sup>4</sup> Profissionais que têm destaque na produção de cordel, embora não dependam necessariamente desta atividade para sobreviver.

<sup>5</sup> É profissional que tem destaque na performance poética oral.



Como se vê, o CR não se nutre apenas de uma poética fruto de improvisos, típica da cantoria de repente,<sup>6</sup> já que recepciona também poetas iniciantes e cordelistas (estes também chamados poetas de bancadas), cujos versos não são feitos de improviso. Entretanto, tem como base poética fundante o ensinamento das modalidades típicas da cantoria de repente e, com efeito, dos folhetos de cordel, quais sejam: a sextilha<sup>7</sup>, as décimas<sup>8</sup>, o galope<sup>9</sup>, dentre outros gêneros que vão sendo (re)criados. Enquanto suporte virtual de criação, digamos, de uma ciberpoesia, o CR é – em termos de tessitura poética – um ambiente híbrido, já que, além de poetas iniciantes, apologistas e cordelistas, também se compõe de 29 repentistas profissionais. Com efeito, para além de sua função poético-pedagógica, o CR constitui-se, em sua essência, como de grande importância, para além de cultural, também socioeconômica, já que recepciona, divulga, discute, veicula e (re)transmite eventos ligadas às poéticas populares, tais como a cantoria de repente, cordel, mesas de glosas, além de motivar a integração de apologistas e repentistas, crucial para a ressignificação da arte do improviso. Este fato pôde ser bastante observado, sobretudo, em tempos de pandemia, momento em que, em face da completa paralisação dos circuitos de eventos de cantoria de repente (pés-parede<sup>10</sup> e

---

<sup>6</sup> Neste trabalho opto pela nomenclatura cantoria de repente. Trata-se de “um dos tipos de poesia improvisada nordestina - o repente ao som da viola – incluindo também as criações poéticas não improvisadas, a ela integradas por iniciativa dos cantadores ou por exigência do público” (Ayala, 1988, p. 17). Trata-se, portanto, de um espetáculo em que dois repentistas, ao som da viola, improvisam versos, dentro de uma estrutura rígida comandada pelos critérios formais de rima, métrica e oração.

<sup>7</sup> Modalidade tradicional, típica das poéticas populares, marcada por estrofe de seis versos com formação de tônica na 7ª sílaba poética de cada verso e com exigência de rimas nos 2º, 4º e 6º versos. Exige-se, com efeito, que cada repentista conclua o primeiro verso de sua estrofe com a rima do verso final, isto é, o da estrofe anterior. É o que chamamos de deixa.

<sup>8</sup> Modalidade típica da cantoria de repente marcada por estrofe de dez versos, (cada um destes com sete ou dez sílabas poéticas) obedecendo à disposição de rimas ABBAACDDC e com rigor métrico de tônicas nas 3ª, 6ª e 10ª sílabas poéticas em cada verso. Pode-se ter a décima livre ou com mote previamente proposto (Vide grifo).

<sup>9</sup> Modalidade típica da cantoria de repente marcada por estrofe de dez versos, (cada um destes com 11 sílabas poéticas, excepcionalmente dez), obedecendo à disposição de rimas ABBAACDDC, com rigor métrico de tônicas nas 2ª, 5ª, 8ª e 11ª sílabas poéticas em cada verso, e desde que o último verso se encerre com a expressão “*Na beira do mar*” ou ligeiras variações (Vide grifo).

<sup>10</sup> Espetáculo, sob a forma de disputa, no qual uma dupla de repentistas, situados lado a lado, quase sempre em ambientes fechados (privados ou públicos), ao som da viola, improvisam versos a partir de rígida estrutura métrica, rítmica e de rima, sob os olhares da plateia, a qual tanto pode propor temas, através de ‘pagas’ (assuntos e motes) quanto pode ouvir os diversos gêneros improvisados pela dupla e cristalizados pelo cânone estético da cantoria.

festivais<sup>11</sup>), fundamentais para a sobrevivência de cantadores e promoventes de cantoria, o CR pôde, já a partir de março de 2020, mediar e/ou retransmitir *lives* de cantoria de repente.

O lastro teórico-metodológico que embasa este trabalho – à luz da relação intrínseca, no repentismo, entre cantador – obra – público - segue o modelo teórico de Candido, segundo o qual “todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista (cordelista, repentista, por exemplo); um comunicado, ou seja, a obra (a criação poética, improvisada ou não); um comunicando, que é o público (apologista em geral) a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito” (Candido, 2006, p. 30). Se o público está ausente, quebra-se o elo fundante que sustenta a tradição popular.

De acordo com Ayala, “as poéticas do oral, enquanto sistema em processo, articulam produtores e seu público. É na relação direta entre criadores e receptores que se dá a reprodução do sistema, à medida que do público jovem despontam os futuros poetas e seus críticos, os chamados apologistas” (Ayala, 1988, p. 17).

Assim, os novos aplicativos e suportes de mídia comandados pela internet – a exemplo do CR - são, hoje, imprescindíveis à sobrevivência do que Ayala denomina do grande sistema econômico, dentre o qual está imerso o da cantoria de repente. Em tempos de apreensão frente ao presencial, o remoto entra em ação.

A produção poética do CR, não obstante constar em suporte de mídia atual, tem bases de inspiração na grande âncora das chamadas culturas populares e tradicionais, comandadas pela força das poéticas da voz, dentre as quais destacam-se a cantoria de repente, os folhetos de cordel, o aboio, as rezadeiras, bem como as tradições de raiz africana. Portanto, os gêneros poéticos trabalhados na poesia no CR têm como base os explorados na cantoria de repente.

Com efeito, para o conceito de cultura popular, recorro a Bosi que a trata como “a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer” (Bosi, 1987, p. 44), cujos agentes culturais – no caso do CR – são os poetas-apologistas, cordelistas, repentistas e poetas-declamadores. Longe da condição folclorizante, estigmatizante e caricaturizante, construída historicamente pelos agentes do cânone da academia, por exemplo,

---

<sup>11</sup> Espetáculo, sob a forma de disputa, e com comissão julgadora, no qual várias duplas de repentistas improvisam versos a partir de assuntos e motes sorteados no momento, concorrendo a prêmios.

acerca do popular, estas culturas, nascentes nas bordas sociais, assumem, hoje, por força das mídias comandadas pela internet, grande protagonismo literário.

Enquanto expressão viva de uma poética popular, a produção do CR refrata uma condição de vigor estético bastante relevante, já que tem raízes na memória<sup>12</sup>, se ressignifica na tradição<sup>13</sup> e se realimenta com as dores, sentimentos, evocações e esperanças do povo. É neste contexto que Bosi ratifica:

[...] o fato de ser, pertencer e estar enraizado historicamente no mundo que se refrata na sua arte torna o artista um trabalhador de bens simbólicos que não só vive mergulhado em suas memórias, tecendo o seu passado e roendo as suas raízes - mas, e sobretudo, que também pode cruzar com o pensamento histórico e o juízo crítico, independentemente do grau de instrução de artista e público (Bosi, 1992, p. 13).

Desta forma, Bosi (2003, p. 20), ao tratar da força desta memória, ratifica que esta “parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. Aqui, entendo como memória enraizada no passado, passado aberto, inconcluso, capaz de promessas, [...] “não como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se pode arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado” (Bosi, 2003, p. 32-33).

Por sua vez, para o conceito de performance recorro a Zumthor que a trata como “realização poética plena: as palavras nela são tomadas num conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido” (Zumthor, 2005, p. 87). Depende de momento, de contexto, de situação, elementos que só se perfazem na relação artista-público. Na ausência

---

<sup>12</sup> “Memória que transcende a atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso: ‘o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios (Changeux, 1972, p. 356.) [...] Assim, Pierre Janet, ‘considera que o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo’” (Le Goff, 1996, p. 424-425). Por sua vez, “Benjamin (1987) na obra *Rua de Mão Única* associa a memória a uma experiência ímpar de escavar, desenterrar, isto é, livrar do esquecimento fragmentos e imagens (mosaicos, na expressão do autor); meio de – por meio das imagens que cada um constrói no presente – trazer o passado à tona, sob novo viés” (Nóbrega, 2020, p. 253).

<sup>13</sup> A tradição consiste justamente no processo contínuo e ininterrupto de recuperação, ou de ‘tradução’, das imagens do passado (Nóbrega, 2020, p. 236).



deste, o efeito, também performático, se exprime esteticamente em prisão, dor, perda, saudade, desejo de retorno e esperança.

Dentre as cinco operações que materializam a existência do poema (produção, transmissão, recepção, conservação, repetição), a performance funde as duas primeiras: produção e transmissão. Nas performances típicas das poéticas populares, o público recebe e conserva (quer pela simples memorização, quer pelos diferentes suportes de mídias), além de reproduzir, de diferentes formas e mecanismos (Zumthor, 2010).

Durante a performance semiotizam-se formas escritas, expressões corporais e memórias os quais vão adquirindo formas poéticas específicas, lapidadas pelos jogos estilísticos os mais diversos, que são apresentados ao público, este que, segundo Candido, na tríade Autor – Obra – Público, é quem “dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele (o público) é de certo modo o espelho que reflete a imagem do autor enquanto criador” (Candido, 2006, p. 46).

## 2 Resultados e Discussão

### 2.1. Categorias de Análise da Produção Poética no CR: dos Encarceramentos e Dores às Aspirações e Promessas

No quadro a seguir, quantifico a produção poética dos colaboradores envolvidos, à luz das categorias de análise investigadas.

**Quadro 1** – Quantifica os registros que envolvem sentimentos poéticos de repentistas e apologistas em tempos de pandemia

Categoria de análise	Gênero poético			
	Modalidade	Temática abordada (Mote/Assunto)	Total de estrofes	Data/hora
<i>Prisão/Encarceramento virtual</i>	Mote em sete	<i>Eu faço da minha vida/ Um cenário de tristeza</i>	01	04/3/2021 (18h20)
	Sextilha		01	01/3/2021 (14h37)
	Mote em sete	<i>Me diga de outro jeito/ O que sei que foi assim</i>	01	27/2/2021 (10h01)





	Mote em sete	<i>A pandemia mudou/ A vida de muita gente</i>	02	04/9/2020 (16h49 – 17h57)
	Mote em sete	<i>Nem mesmo na pandemia/ Ela me deixou voltar</i>	01	01/9/2020 (23h10)
	Sextilha	<i>Giz e fé</i>	06	31/7/2020 (17h29)
	Mote em sete	<i>A viola está mofando/ Por causa da pandemia.</i>	06	21/7/2020 (12h51) – 23/7/2020 (06h38)
	Mote em dez	<i>Só não vou bater pernas todo dia/ Porque posso findar batendo as botas</i>	02	08/7/2020 (14h54).
	Mote em sete	<i>Por onde passo a tristeza/ Quer ser minha companhia</i>	01	20/3/2020 (19h52)
	Mote em sete	<i>Essa tal de pandemia/ Fez da vida um pandemônio</i>	02	17/3/2020 06h51)
	Mote em sete	<i>Nosso lar virou prisão/ Por causa da pandemia</i>	08	19/3/2020 (22h39) – 20/3/2020 (09h25)
	Sextilha	<i>A pandemia</i>	01	16/3/2020 (18h48)
	Mote em sete	<i>Essa tal de pandemia/ Fez da vida um pandemônio</i>	02	17/3/2020 (06h51)
	Mote em dez	<i>Veio um vírus mostrar a todo mundo/ Que aqui todos nós somos iguais.</i>	01	21/3/2020 (13h12).
	Mote em dez	<i>Fui dormir em um mundo onde vivia/ E acordei em um mundo diferente</i>	05	24/3/2020 (17h47)
	Mote em sete	<i>É ruim, mas é o jeito/ Ficar em casa isolado.</i>	01	24/3/2020 (21h12)
	Mote em sete	<i>O Corona já mudou/ Muita coisa nessa vida</i>	01	26/3/2020 (16h34)
	Mote em sete	<i>Além da morte, não sei/ Se existe outra certeza.</i>	01	26/3/2020 (20h53)
	Mote em sete	<i>Faça, nessa quarentena/ As pazes co'a solidão</i>	01	28/3/2020 (14h54)
	Sextilha	<i>Demência</i>	01	30/3/2020 (17h46)
	Mote em dez	<i>Se a coisa está ruim no dia a dia/ Se prepare, que pode piorar</i>	02	28/3/2020 (13h09)
	Mote em sete	<i>Estou sentindo saudade/ Das noites de cantoria.</i>	03	15/4/2020 (11h23 – 11h44)
	Mote em sete	<i>No aconchego do lar/ Home office, arte e bar</i>	01	09/5/2020 (23h48)
	Sextilha	<i>Prisão</i>	01	08/6/2020 (17h59)
	Mote em dez	<i>O pior da Peitica pandemia/ É a tal da lonjura dos parceiros</i>	04	14/6/2020 (10h07 – 17h46)
	Mote em sete	<i>Essa covid maldita/ Atrapalhou o São João</i>	02	22/6/2020 (19h34 – 19h35)
<b>Superação/ Resiliência</b>	Sextilha	<i>Fé e pandemia</i>	01	08/4/2020 (10h36)
	Sextilha	<i>Corre, pandemia</i>	01	11/4/2020 (12h34)
	Mote em sete	<i>Espero que a humanidade/ Derrote essa pandemia</i>	01	08/5/2020 (23h50)
	Mote em sete	<i>Eu rogo para o momento/ De não precisar mais nada.</i>	01	23/5/2020 (13h29)
	Mote em sete	<i>Passa logo, pandemia/ Pra eu ver Jonas, meu vaqueiro.</i>	01	29/5/2020 (10h56)



Sextilha	<i>Tempos de paz</i>	01	08/6/2020 (17h18)
Sextilha	<i>Acorda, povo</i>	01	08/6/2020 (17h28)
Sextilha	<i>Rever os amigos</i>	01	10/6/2020 (10h19)
Mote em sete	<i>Eu vou fazer desse jeito/ Depois dessa pandemia.</i>	12	22/6/2020 (11h21 – 19h34)
Mote em sete	<i>Não existe tempo ruim/ Pra quem é determinado.</i>	04	03/7/2020 (18h57 – 19h15)
Sextilha	<i>Deus no comando</i>	01	15/7/2020 (07h48)
Mote em sete	<i>A lei da sobrevivência/ Ensina a sobreviver</i>	01	28/8/2020 (13h09)
Mote em dez	<i>Eu queria ir embora pra bem longe/ Viajando na cauda de um cometa</i>	01	11/1/2021 (22h01)
Mote em sete	<i>A força da precisão/ Faz a pessoa pedir</i>	01	20/2/2021 (11h55)
Sextilha	<i>Oportunidade de viver</i>	01	25/2/2021 (07h16)
Sextilha	<i>Vitória na pandemia</i>	01	01/3/2021 (08h41)
Mote em sete	<i>Quem tem saúde tem tudo/ Pra não reclamar de nada</i>	01	15/3/2021 (20h44)
Sextilha	<i>Fim da pandemia</i>	01	12/4/2021 (18h51)
Quadra	<i>Texto premiado em concurso nacional de quadras em 2020.</i>	01	19/5/2021 (22h38)
Mote em sete	<i>Vou dizer em poesia/ O que é o meu legado.</i>	01	08/9/2021 (14h38)
Mote em sete	<i>Sem que os nossos governantes/ Tragam melhor condição.</i>	01	15/10/2021 (08h18)
<b>Total geral de estrofes produzidas</b>		93	

Fonte: arquivo pessoal.

À análise das categorias selecionadas, exigem-se previamente alguns esclarecimentos, em especial no tocante à dinâmica de proposição de motes<sup>14</sup> e assuntos<sup>15</sup> fundamentais para a produção poética no CR. Desta forma, qualquer participante pode propor um tema e/ou assunto. Entretanto, salvo raras exceções, quem propõe não deve glosar (produzir a estrofe). Assim, propostas de motes desmetrificados e/ou que gerem dificuldades de ser rimados são tacitamente ‘avaliados’ pelos mais experientes – repentistas e apologistas – que propõem as devidas correções. A produção do mote e/ou assunto é livre no CR. Se gerar interesse do grupo – isto é, se o mote for qualificado ‘pela crítica’ como bom – gera muitas estrofes.

<sup>14</sup> No universo da cantoria de repente, correspondem aos temas para o desenvolvimento dos motes (em sete e em dez). Devem estar plenamente metrificados e compõem-se geralmente de dois versos que devem fechar a décima.

<sup>15</sup> Referem-se aos temas para o desenvolvimento das sextilhas.



Portanto, a produção poética dos participantes, no CR, ocorre de duas formas, quais sejam: a) livremente, em que, após a proposição de um mote/assunto, cada um pode, a qualquer momento, produzir e postar seu texto no aplicativo; e b) através dos desafios.<sup>16</sup> Bastante comuns são os desafios no CR. Enquanto herança da cantoria de repente, propõe-se um mote ou um assunto e dois participantes ‘duelam’. Por regra, tacitamente acordada, durante o desafio, apenas os dois devem poetizar. No recorte analisado, não houve desafios.

Os dados quantificados apontam que os colaboradores escolheram modalidades de textos poéticos mais próximos da cantoria de repente, o que justifica a forte influência que esta arte exerce sobre a produção no CR. Assim, dos quatro gêneros contemplados – o Mote em sete: 26 registros (com 58 estrofes produzidas); o Mote em dez: seis registros (com 15 estrofes produzidas); a Sextilha: 14 registros (com 19 estrofes produzidas); e a Quadra: um registro apenas – as modalidades Mote em sete e Sextilha, juntas, apresentaram a maior produção poética: 77 estrofes (82% de toda a produção dos colaboradores), justamente por apresentarem maior grau de intimidade, respectivamente, com a cantoria de repente e o cordel. Por sua vez, o Mote em dez, por se tratar de uma modalidade que apresenta, no universo das poéticas orais, maior grau de dificuldade na sua elaboração, em especial no improvisado, foi contemplado apenas com 15 estrofes. Para poetas-apologistas iniciantes constitui-se como um gênero desafiador, já que exige constituição de estrutura métrica de tônicas mais elaboradas.

Por outro lado, em 2020, ano de maior incidência da pandemia, os colaboradores produziram 81 estrofes, valor equivalente a 87% do total; em 2021, 12 estrofes, equivalente a 13% de toda a produção poética.

Para efeito de melhor sistematização da análise, selecionei, no quadro abaixo, dentre a produção vista no recorte acima, os motes/assuntos que suscitaram a maior produção de glosas, discriminadas conforme as categorias analíticas propostas. Assim, as identidades<sup>17</sup> dos participantes foram devidamente preservadas.

---

<sup>16</sup> Essência da cantoria de repente, os desafios são o que o repentista Ivanildo Vila Nova chama de ‘a alma da cantoria’. Portanto, corresponde à peleja, à porfia, entre dois cantadores, a partir de um mote proposto pela plateia.

<sup>17</sup> Em respeito à manutenção do anonimato das identidades dos participantes do CR, identifiquei os nomes de cada um por letras maiúsculas em ordem alfabética, conforme a convenção a seguir: “Colaborador A, B, C ... n + a função poética por mim categorizada (poeta-declamador, poeta-apologista, repentista ou cordelista)”.





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da A  
NPOLL –ISSN 1980-4504  
DOI: 10.5433/boitata.2022v17.e46655



BOITATÁ, Londrina  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

**Quadro 2** – Discrimina os motes/assuntos mais glosados de acordo com cada categoria analítica

Modalidade	Mote/Assunto	Total de glosas produzidas	Categoria analítica
Mote em sete	<i>Eu vou fazer desse jeito/ Depois dessa pandemia.</i>	12	<i>Superação/ Resiliência</i>
	<i>Nosso lar virou prisão/ Por causa da pandemia</i>	08	<i>Prisão/Encarceramento virtual</i>
	<i>A viola está mofando/ Por causa da pandemia.</i>	06	<i>Prisão/Encarceramento virtual</i>
	<i>Não existe tempo ruim/ Pra quem é determinado.</i>	04	<i>Superação/ Resiliência</i>
Mote em dez	<i>Fui dormir em um mundo onde vivia/ E acordei em um mundo diferente</i>	05	<i>Prisão/Encarceramento virtual</i>
Sextilha	Giz e fé	06	<i>Prisão/Encarceramento virtual</i>

Fonte: Arquivo pessoal.

Como visto acima, as 41 glosas produzidas (44% do total geral) distribuíram-se em apenas cinco motes e um assunto proposto. Destas, 25 trataram de temáticas enquadradas na categoria que denominei de *Prisão/Encarceramento virtual*.

O caos social instalado no Brasil a partir das restrições impostas pela pandemia, em março de 2020, gerou seus primeiros impactos na produção poética no CR.

### 2.1.1 Beijos, abraços e afagos que contaminam: encarceramento físico e medo da morte.

Inicialmente, transcrevo fragmentos de performances em diferentes momentos e modalidades cujas temáticas estão enquadradas na categoria analítica *Prisão/Encarceramento virtual*. Os versos apontam para uma poética marcada pela angústia persistente, pela dor da ausência do contato do poeta com o povo, bem como com a incerteza reinante.

Vejamos:



01

19:14, 20/03/2020]

*Estamos bem isolados  
Qual numa ilha deserta  
Porém uma coisa é certa  
Quando olho para os lados  
Cada qual nos seus quadrados  
São presos com alforria  
Se me bater nostalgia  
Eu pego meu violão  
Nosso lar virou prisão  
Por causa da pandemia.  
(Colaborador B - Poeta apologista)*

05

[14:14, 21/07/2020]

*Viola que mata a "sede"  
Da plateia apaixonada  
Por enquanto está calada  
Enrolada numa rede*

06

[17:08, 22/07/2020]

*Não posso mais quebrar barras  
Com o céu rasgado em vermelhos  
Tendo nos copos, espelhos  
A refletir minhas farras  
Minha inspiração tem garras  
Mas seu toque se atrofia,  
Se entorta porque queria  
Ir pros cantos que eu não ando  
A viola está mofando  
Por causa da pandemia  
(Colaborador F – Poeta-apologista)*

09

*Na cidade do verde adormeci  
Na cidade do luto eu acordei  
Um cenário brutal observei  
Comparado ao cenário onde dormi  
Na mídia as manchetes que eu li*

04

[07:34, 20/03/2020]

*Seguindo exemplos da China  
Que o vírus vem contendo  
Eu também estou fazendo  
Como o Brasil determina  
Um abraço contamina  
Um espirro contagia  
E eu evito hoje em dia  
Até aperto de mão  
Nosso lar virou prisão  
Por causa da pandemia.  
(Colaborador D - Repentista)*

*Sem ter o pé de parede*

*Festival e nem porfia  
A musa da cantoria  
Sente o poeta chorando  
A viola está mofando  
Por causa da pandemia.  
(Colaborador E – Poeta-declamador)*

*Abalaram o meu ego de repente*

*A mudança em cada continente  
Como passe de mágica acontecia  
Fui dormir em um mundo onde vivia  
E acordei em um mundo diferente  
(Colaborador H – Poeta-apologista)*

10

*Seus avós e seus pais não visitar  
É um ato de amor nessa mudança  
Se eu nunca ouvi desde criança  
Tá difícil demais eu me enquadrar  
Outra norma que eu pude vislumbrar  
Essa faz o meu peito tão dolente  
Um abraço ou um beijo simplesmente  
Serem armas que matam todo dia  
Fui dormir em um mundo onde vivia  
E acordei em um mundo diferente.  
(Colaborador H – Poeta-apologista)*

[17:29, 31/07/2020]

GIZ E FÉ

De início, destaco que a imagem “São presos com alforria” (Est. 01 – V. 06) já prenuncia o estado de encarceramento no qual o poeta se encontra: estar preso, porém alforriado aponta para o cerceamento da liberdade de ir e vir, pressupostos fundantes ao fazer



poético. Tal situação se vislumbra no estado de completo desespero do eu-poético, à luz da impossibilidade real de vislumbrar, por exemplo, o nascer do sol “*Não posso mais quebrar barras/ Com o céu rasgado em vermelhos*” (Estrofe 06 – V. 01-02); de perceber o atrofiamento completo da inspiração, pelo silêncio da viola, parceira inseparável do repentista, conforme vemos nos versos “*Minha inspiração tem garras/ Mas seu toque se atrofia/ Se entorta porque queria/ Ir pros cantos que eu não ando*”. (Estrofe 06 – V. 05-08).

Nesta perspectiva, no imaginário da inspiração do poeta ter o direito cerceado de ver o sol na sua plenitude é razão primeira para a abertura ao fim, à noite da poesia. A situação gerada a partir da pandemia, nesta perspectiva, é noite, é o luto, é o fim: “*Na cidade do luto eu acordei*” (Estrofe 09 – V. 02). A estranha antítese construída nos versos iniciais dessa estrofe “*Na cidade do verde adormeci/ Na cidade do luto eu acordei*” põe frente a frente “verde” e “luto” como constituintes de um sentimento poético experienciado por mudanças bruscas provocadas pela velocidade com que a pandemia se espalhou, aos olhos do poeta.

O contingenciamento de ações e gestos corporais mínimos, provocados pela pandemia, é marcante no recorte investigado. Tais ações e gestos são importantes à constituição das relações de afeto necessárias à inspiração na produção poética. Vejamos nas estrofes 04 e 10.

04  
[07:34, 20/03/2020]  
*Seguindo exemplos da China  
Que o vírus vem contendo  
Eu também estou fazendo  
Como o Brasil determina  
Um abraço contamina  
Um espirro contagia  
E eu evito hoje em dia  
Até aperto de mão  
Nosso lar virou prisão  
Por causa da pandemia.  
(Colaborador D - Repentista)*

10  
*Seus avós e seus pais não visitar  
É um ato de amor nessa mudança  
Se eu nunca ouvi desde criança  
Tá difícil demais eu me enquadrar  
Outra norma que eu pude vislumbrar  
Essa faz o meu peito tão dolente  
Um abraço ou um beijo simplesmente  
Serem armas que matam todo dia  
Fui dormir em um mundo onde vivia  
E acordei em um mundo diferente.  
(Colaborador H – Poeta-apologista)*

O uso denotativo, no contexto enunciativo, dos verbos contaminar, abraçar, contagiar, apertar a mão e matar em “*Um abraço contamina/ Um espirro contagia/ E eu evito hoje em dia/ Até aperto de mão*” (Estrofe 04 – V. 05-08), e “*Um abraço ou um beijo simplesmente/ Serem armas que matam todo dia*” (Estrofe 10 – V. 07-08), tudo aponta para um estado de



aprisionamento, para além de ameaçador, muito mais aterrorizador do ser, cujos efeitos se revelam no último verso do mote da estrofe 10: “*E acordei em um mundo diferente*”, mundo que cala a viola do repentista, nosso aedo; que silencia inclusive as musas<sup>18</sup>, conforme vemos na estrofe 05, abaixo transcrita:

05  
[14:14, 21/07/2020]  
*Viola que mata a "sede"*  
*Da plateia apaixonada*  
*Por enquanto está calada*  
*Enrolada numa rede*  
*Sem ter o pé de parede*  
*Festival e nem porfia*  
*A musa da cantoria*  
*Sente o poeta chorando*  
*A viola está mofando*  
*Por causa da pandemia.*  
(Colaborador E – Poeta-declamador)

Calar a viola, durante a performance do repentista, significa lhe retirar uma extensão importante de seu corpo. Repentista não é violeiro, aliás, segundo Ivanildo Vila Nova - hoje com 78 anos, e considerado no imaginário da profissão, como um dos maiores repentistas da atualidade – a presença da viola para o repentista funciona como uma espécie de extensão de seu coração. O simbolismo da prosopopeia “*Por enquanto está calada/ Enrolada numa rede*” (Estrofe 05 – V. 03-04) nos remete a algumas imagens tipológicas de traços inspiradores nas poéticas nordestinas, tais como: silêncio, tristeza e dor. Em uma dimensão mais lúgubre, a imagem “*Enrolada numa rede*” pode nos remeter à morte, sob dois vieses. No primeiro deles à memória do costume nordestino de velar os mortos em redes; no segundo, à metáfora de que a própria viola estaria sendo protegida contra os males provocados pela pandemia. Em ambas as situações, está ostensiva a ideia de morte que povoa a construção estética do verso.

Na estrofe 08, por sua vez, a inquietação do poeta frente ao poder devastador da pandemia se funde em duas vertentes de sentimentos: a justificativa econômica (“poder”, “dinheiro” e “ganância”), justificadora do mal, e o apelo ao divino para a proteção contra seus

---

<sup>18</sup> No mito grego, Zeus e Mnemósine (Deusa da memória) geraram 09 ninfas que se encarregavam, junto com Apolo, de cantar e entreter os deuses. Criadas para celebrar a vitória dos deuses do Olimpo sobre os titãs, com o tempo foram responsáveis pela inspiração humana (Citaliarestauro, [2023]).



efeitos (*Esqueceram que o Pai onipotente/ Tem vacina pra toda epidemia*) apontam para uma característica bastante recorrente nas temáticas trabalhadas nas poéticas tradicionais nordestinas: a religiosidade. Em um contexto histórico no qual ainda não se falava em vacina – já que a estrofe fora postada no CR no dia 20/03/2020, período inicial da pandemia – percebe-se muito mais, no sentimento, um apelo ao divino do que propriamente resquícios de negacionismo científico.

### 2.1.2 “Se eu sobreviver... eu prometo:” desejos, promessas e aspirações de mudanças

A real e iminente ameaça provocada pela rápida proliferação da pandemia trouxe como efeito na produção poética no CR um fluxo de sentimentos que mostrou, por um lado, angústia e impotência e, por outro, promessas, resistência e desejo de mudança. Aliás, a tradição da paga de promessa ao santo do dia por uma graça alcançada faz parte do imaginário de credence, misticismo e religiosidade, ainda presentes nos rincões de fé do povo brasileiro, especialmente no Nordeste brasileiro. No contexto da pandemia, a ameaça de morte potencializou no imaginário da tradição religiosa uma onda de desejo de conversão e de mudança de vida, formas de resistência, condicionadas, claro pela sobrevivência, e marcadas por ideias como: “se eu sobreviver... prometo...”. Na produção poética presente na segunda categoria analítica que proponho, *Superação/Resiliência*, tais marcas se apresentam de maneira ostensiva nos motes e assuntos glosados. Abaixo transcrevo algumas estrofes extraídas em diferentes momentos que apresentam tais características.

Vejamos:

16  
[11:27, 22/06/2020]  
*Com a normalização,  
De tudo, eu volto a cantar,  
Eu não parei de treinar,  
E de fazer correção,  
Vou apressar o baião,  
Usar menos melodia,  
Colocar mais poesia,  
E retirar mais defeito,  
Eu vou fazer desse jeito,  
Depois dessa pandemia.  
(Colaborador I – Repentista)*

17  
[12:03, 22/06/2020]  
*Deixar de ser um talvez,  
Mostrar o que pesquisei,  
Cantar o que não cantei,  
Fazer o que ninguém fez,  
Ir pra guerra outra vez,  
Do jeito que antes ia,  
Com minha diplomacia,  
Dessa vez eu me ajeito,  
Eu vou fazer desse jeito,  
Depois dessa pandemia.*



*(Colaborador I – Repentista)*

18

[12:12, 22/06/2020]

*Ritmar o verso meu*

*Mostrando dedicatória*

*Reconstruir minha história*

*Mal feita que se perdeu*

*Ler mais para quando eu*

*Chamar Vila qualquer dia*

*Pra cantar sabedoria*

*Não ficar num beco estreito*

*Eu vou fazer desse jeito*

*Depois dessa pandemia*

*(Colaborador I – Repentista)*

19

[12:18, 22/06/2020]

*Não ficar chocando os ovos,*

*Pregar todos evangelhos,*

*Disputar com os mais velhos,*

*Concorrer com os mais novos,*

*Descrever todos os povos,*

*Testar nova parceria,*

*Daqueles que a fé guia,*

*Eu agora sou suspeito,*

*Eu vou fazer desse jeito,*

*Depois dessa pandemia.*

*(Colaborador I – Repentista)*

20

[12:34, 22/06/2020]

*Quando essa fase passar*

*Com a chegada da vacina*

*Não vou mudar minha sina*

*Nem tenho porque mudar*

*Pois sou contra quem achar*

*Que isso traz melhoria*

*Quem diz que a Epidemia*

*Pode mudar um sujeito*

*Vou fazer do mesmo jeito*

*Depois dessa pandemia*

*(Colaborador L – Cordelista)*

21

[12:28, 22/06/2020]

*Procurar ser mais correto*

*E menos intolerante*

*Agir com menos rompante*

*Distribuir mais afeto*

*Não vou mudar por completo*

*Porque acho covardia*

*Vou tentar a alquimia*

*Entre limão e confeito*

*Eu vou fazer desse jeito*

*Depois dessa pandemia.*

*(Colaborador E – Poeta-Declamador)*

22

[13:37, 22/06/2020]

*Não responderei Acrizio*

*Prometo elegantemente,*

*De fazer daqui pra frente*

*Da paz o meu vento elísio.*

*Vou versejar no rodízio*

*Do Clube com melhoria,*

*Buscar ter mais sintonia*

*Neste grupo tão perfeito,*

*Eu vou fazer desse jeito*

*Depois dessa pandemia.*

*(Colaborador M – Cordelista)*

*(Colaborador O – Poeta-apologista)*

A presença dos movimentos de conversão e de mudança de atitude se apresenta na maioria das estrofes. Por exemplo, no mote em sete “*Eu vou fazer desse jeito/ Depois dessa pandemia*”, o mais glosado no estrato investigado, responsável pela produção de 12 estrofes, os versos “*Com a normalização*” (Estrofe 16 – V. 01) e “*Quando essa fase passar*” (Estrofe 20 – V. 01) impõem a condição primeira para que tudo se realize, isto é, aqui reside a promessa: se tudo se normalizar, realizarei o prometido. Assim, as promessas decorrentes do primeiro verso, “*Quando essa fase passar*”, estão explicitadas nas estrofes 16 (V – 02-08), 17,



18 e 19. Já as que respondem à condição “*Quando essa fase passar*” estão nas estrofes 20 (V – 02-08), 21 e 22.

Por sua vez, classifico tais promessas em três naturezas: a) pessoal; b) profissional; e c) de negação da própria mudança de atitude. As primeiras, de natureza pessoal, levam em conta mudanças de atitude, tais como verificadas nas estrofes 17 (V – 01, 04 e 05), 18 (V – 03-04) e 21. Assim, nesta categoria temos versos como “*Deixar de ser um talvez/ Fazer o que ninguém fez*”, “*Ir pra guerra outra vez/ Do jeito que antes ia/ Com minha diplomacia*” (Estrofe 17); “*Reconstruir minha história/ Mal feita que se perdeu*” (Estrofe 18); e “*Procurar ser mais correto/ E menos intolerante/ Agir com menos rompante/ Distribuir mais afeto*” (Estrofe 21). Com efeito, nas promessas de natureza profissional enquadram-se desejos de mudança, quer relacionados à atividade profissional dos repentistas, quer na rotina de produção poética no CR, tais como: “*Mostrar o que pesquisei/ Cantar o que não cantei*” (Estrofe 17), “*Ler mais para quando eu/ Chamar Vila qualquer dia/ Pra cantar sabedoria/ Não ficar num beco estreito*” (Estrofe 18), “*Disputar com os mais velhos/ Concorrer com os mais novos/ Descrever todos os povos/ Testar nova parceria*” (Estrofe 19) e “*Não responderei Acrízio/ Prometo elegantemente/ De fazer daqui pra frente/ Da paz o meu vento elísio/ Vou versejar no rodízio/ Do Clube com melhoria/ Buscar ter mais sintonia/ Neste grupo tão perfeito*” (Estrofe 22). Por fim, nas promessas relacionadas à negação da mudança de atitude, destaca-se a estrofe 20. Ao modificar estrategicamente a redação do mote que estava sendo glosado – de “*Eu vou fazer desse jeito/ Depois dessa pandemia*” para “*Vou fazer do mesmo jeito/ Depois dessa pandemia*” - o poeta desafia uma norma tácita, e até ética, no CR, de não modificar a redação do mote sem consultar quem o propôs originalmente, ao mesmo tempo em que se nega a crer em qualquer mudança pessoal decorrente da pandemia (aqui se utiliza da expressão “epidemia”). Põe, pela primeira vez na produção poética do CR, em evidência a importância da vacina, conforme vemos nos versos “*Quando essa fase passar/ Com a chegada da vacina/ Não vou mudar minha sina/ Nem tenho porque mudar*” (Estrofe 20).

## 2.2 Alguns pontos para discussão

A poesia popular produzida no CR, no estrato investigado, tem sua estrutura assentada nos gêneros da cantoria de repente nordestina, bem como nos folhetos de cordel. Para além de



seu caráter híbrido,<sup>19</sup> se lhe acresceram circunstâncias sócio-históricas, e por que não dizer humanas, as quais a seguir abordarei, que impactaram sob alguns aspectos tal produção. Assim, os dados coletados e confrontados, à luz das duas categorias de análise de sentimentos, fruto da produção poética dos participantes do CR, no estrato investigado, podem apontar para algumas considerações, dentre as quais destaco, em primeiro lugar o pensar de Xidieh que trata do papel histórico de coesão social e moral que exerce a cultura popular, porta-voz da vida do povo; com o aqui e agora de suas necessidades vitais mais emergentes, suas dores, derrotas, angústias, apreensões, esperanças e promessas de uma vida mais digna, e vida em abundância (Xidieh *apud* Bosi, 2002).

Nesta perspectiva, os dados apontam que, para além de uma poética construída na dor, nas perdas humanas de poetas-apologistas e repentistas, ocorridas sobretudo em 2020,<sup>20</sup> com a pandemia da Covid-19, é possível vislumbrarmos características, nestas produções, típicas das culturas populares, no dizer de Reis, tais como: “unidade, universalidade e coerência. Uma cultura que tem passado e terá futuro, enquanto persistirem as condições que lhe deram origem: a cisão da sociedade entre os que mandam e os que trabalham” (Reis, 1995, p. 12). Ademais, construiu-se, no estrato investigado no CR, uma espécie de ciclo poético que se inicia na angústia, desespero e apreensão da morte e se fecha com a promessa de vida em plenitude. Este aspecto pode nos remeter ao sentido da coerência como uma forte característica das culturas populares: ao contrário do ciclo da vida – que culmina com a morte – a produção poética neste período caminhou em sentido oposto, isto é, em direção à vida, à esperança, à vacina, à crença na ciência.

Em segundo lugar, considerando, ainda, a busca da universalidade, característica marcante nas culturas populares tradicionais, a produção poética no CR pode apontar para o

---

<sup>19</sup> Segundo Ayala (2011, p. 37-38), a “literatura popular, como as outras práticas culturais populares, se nutre da mistura. Seu fazer precisa da mescla, e esse processo de hibridização talvez seja um dos seus componentes mais duradouros e mais característicos. O sério se mesclando com o cômico; o sagrado, com o profano; o oral, com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outras; o que é transmitido através dos meios de comunicação, oral ou escrita (rádio, televisão, jornal) e ainda por meio de livros pode vir a alimentar versos e narrativas populares orais ou escritos, sendo antes ajustados a sua poética”.

<sup>20</sup> No período entre março de 2020 e junho de 2021, faleceram, em razão da Covid-19, os seguintes poetas: Arievaldo Viana (30/05/2020 - Cordelista cearense), Edezel Pereira (21/06/2020 – Repentista Paraibano), Luciano Carneiro (23/07/2020 – Repentista Paraibano) e Chico Galvão (26/05/2021), além de Valdir Teles, em 22/03/2020, vítima de infarto fulminante.



que Bosi – analisando os relatos de Xidieh acerca da força da religiosidade popular na superação dos problemas do povo – chama de “uma vontade igualitária, uma fome de justiça; senão uma certeza arraigada de que o destino de toda gente é comum na medida em que uma só é a filiação dos viventes humanos” (Xidieh *apud* Bosi, 2002, p. 143). Estranhamente, em todo o recorte investigado, em apenas duas estrofes as palavras “Deus” e “fé” foram mencionadas como solução para a resolução do drama da pandemia da covid-19. Entretanto, na própria constituição do ciclo temático – iniciado na angústia e temor da morte e culminado no desejo, promessa e esperança de cura – percebe-se a busca de uma ética, a da vida, e vida em abundância, direito humano inalienável a todos. Nesta perspectiva, o que vislumbro, enquanto característica universalizante que busca tal ética, muito se assemelha ao desabafo de Vieira, dirigido a Jesus, em o *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda*, texto de 1640, proferido na cidade de Salvador (BA). Vejamos:

O que venho a pedir ou protestar, senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis. [...] Em tempo que tão oprimidos e tão cativos estamos, que devemos pedir com maior necessidade, senão que nos liberteis. [...] Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando, pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça: razão é que peça só razão, justo é que peça justiça. Sobre este pressuposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar, e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que também vos hei de convencer (Vieira, 1998, p. 185).

Há, com efeito, um universo, uma ‘nuvem’ de vozes poéticas que não rogam justiça, em posição de subalternidade, de joelhos conscritos e rogando à boa vontade de um Deus soberano e único, mas que exigem justiça, que protestam em nome da dignidade, sob a tutela da razão e do convencimento. Estas são pistas que parecem apontar para o sentido da universalidade, tão cara às poéticas de raízes populares.

### **Considerações Finais**

É desafiador analisar a produção poética de base popular dos participantes de um grupo de *WhatsApp* em contingências históricas e humanas tão complexas e difíceis – em especial quando o tema, objeto de investigação, se torna ameaça constante à própria vida. Mais lacunas que conclusões se abrem. Ficção e realidade se chocam a cada momento.





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da A  
NPOLL –ISSN 1980-4504  
DOI: 10.5433/boitata.2022v17.e46655

Enquanto participante do CR, perdi colegas - repentistas e poetas-apologistas – para a Covid-19. Admito que novas categorias analíticas de temas – para além de *Prisão/Encarceramento virtual* e *Superação/Resiliência* – podem ser propostas a partir deste trabalho. Por exemplo, enquanto modalidade poética essencialmente virtual – algo similar à chamada ciberpoesia – a poesia no CR, em especial em tempos de pandemia, é desafiadora porque, para além de se nutrir da mistura (de vozes de repentistas, poetas-apologistas e cordelistas; de estilos do cânone narrativo-poético clássico adaptados, aclimatados e nordestinidades; de marcas do oral com o escrito; da presença física com o virtual), por outro lado se ressent de uma das mais importantes características que marcam a cultura popular: a experiência comunitária, o aprender a ouvir histórias, nos moldes do pensar benjaminiano. Um outro trabalho pode explorar essa ideia tão cara à manutenção e ressignificação das poéticas de raiz popular.



## Referências

- AYALA, M. I. N. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988.
- AYALA, M. I. N. **Riqueza de pobre e o conto popular**: um fazer dentro da vida. Maricá: Ponto da Cultura Editora, 2011.
- BOSI, A. (org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. Cultura com tradição. *In*: BORNHEIM, G.; BOSI, A.; PESSANHA, J. A. M.; SCHWARZ, R.; SANTIAGO, S.; DUARTE, P. S. **Cultura brasileira**: tradição e contradição. Rio de Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987. p. 31-58.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CITALIARESTAURO. Quem eram as 9 musas?. **Citaliarestauro.com**, Lisboa, [2023]. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/quem-eram-as-9-musas/>. Acesso em: 1 jan. 2022.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- NÓBREGA, M. V. **A cantoria de viola na contemporaneidade**: seus poetas em performance e memórias; estratégias para formação poética de apologistas. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18545>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- REIS, Z. C. Ciência e paciência: o mestre Oswaldo Elias Xidieh. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 7-17, abr. 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8844>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- VIEIRA, A. S. J. **Sermões**. Erechim: Edelbra, 1998. v. 3.
- ZUMTHOR, P. **Escritura e nomadismo**: entrevista e ensaios. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da A  
NPOLL –ISSN 1980-4504  
DOI: 10.5433/boitata.2022v17.e46655



BOITATÁ, Londrina  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>